

# DESIGUALDADES SOCIAIS E COVID-19 NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS PRODUZIDAS NAS MÍDIAS SOCIAIS EM 2020

## SOCIAL INEQUALITIES AND COVID-19 IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF NARRATIVES PRODUCED IN SOCIAL MEDIA IN 2020

Fernando Miramontes Forattini<sup>1</sup>  
<http://orcid.org/0000-0002-8431-8555>

Livia Clarete<sup>2</sup>  
<http://orcid.org/0009-0004-7188-4808>

### RESUMO

Este artigo examina as narrativas das mídias sociais durante a pandemia de covid-19 no Brasil, focando em narrativas socioeconômicas e raciais e na importância da comunicação precisa e confiável. Para isso, foram coletadas mais de 28,1 milhões de postagens no Facebook, Instagram e Twitter, entre 13 de março e 16 de outubro de 2020. Essas narrativas refletiam interesses e perspectivas distintas da sociedade brasileira: enquanto algumas destacavam a responsabilidade individual na prevenção do vírus, outras enfatizavam a necessidade de políticas públicas para mitigar seus efeitos sobre as populações mais vulneráveis. Essas narrativas também estavam relacionadas a questões políticas e econômicas, refletindo disputas entre diferentes modelos político-econômicos. Representantes de um modelo neoliberal defenderam menor intervenção estatal e foram incapazes de lidar com os efeitos da pandemia, promovendo a desinformação e narrativas falsas visando à deslegitimação do impacto desigual da pandemia como resposta defensiva. Já os representantes de um modelo estatal mais participativo reconheciam a importância das medidas de prevenção e o reforço do sistema de saúde pública para combater a pandemia. Este estudo busca contribuir à compreensão das dinâmicas sociais e políticas em tempos de crise, mostrando como as narrativas presentes na arena pública, por exemplo, nas mídias sociais, foram usadas tanto para ataque quanto para resistência ao desmonte do sistema

<sup>1</sup> Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com Doutorado Sanduíche pela Universidade de Chicago. Cofundador e Pesquisador do Corruption in the Global South Research Consortium (EUA). Email: fernandomiramontes@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Análise de Dados e Modelos de Linguagem pela City University of New York e bacharel em Ciências Sociais pela UFMG. Email: lclarete@gradcenter.cuny.edu

de saúde, à desigualdade social exacerbada pela pandemia, com a disseminação de informações precisas para combater o vírus e a desinformação.

**Palavras-chave:** covid-19; mídias sociais; desigualdade social; políticas públicas; resistência.

## ABSTRACT

This article examines social media narratives during the Covid-19 pandemic in Brazil, focusing on socioeconomic and racial narratives and the importance of accurate and reliable communication. For this, more than 28.1 million posts were collected on Facebook, Instagram, and Twitter, between March 13 and October 16, 2020. It was seen that these narratives reflected different interests and perspectives of Brazilian society, while some highlighted the responsibility of individuals in preventing the virus, others emphasized the need for public policies to mitigate its effects on the most vulnerable populations. These narratives were also related to political and economic issues, reflecting disputes between different political-economic models. The study identifies the actions of representatives of a neoliberal model that advocated less state intervention, being unable to deal with the effects of the pandemic and, as a defensive response, adopting the delegitimization of the unequal impact of the pandemic by promoting false narratives and misinformation. Representatives of the other model, on the other hand, defended greater state intervention, recognizing the importance of preventive measures and the strengthening of the SUS to combat the pandemic. This study seeks to contribute to the understanding of social and political dynamics in times of crisis, showing how the narratives present in public arenas such as Brazilian social media were used both as a means of attack and resistance to social inequality exacerbated by the pandemic and as a means of dissemination of accurate information to combat the virus and misinformation.

**Keywords:** Covid-19, social media, inequality, fake news, resistance.

## INTRODUÇÃO

Desde o surgimento em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, do primeiro caso conhecido do vírus SARS-CoV-2, responsável pela covid-19, a doença se espalhou rapidamente pelo mundo, tornando-se uma das mais graves crises de saúde pública do século XXI. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a covid-19 como uma pandemia devido ao significativo número de mortes. Desde então, ela tem impactado não somente a saúde, mas também a economia, a política e a sociedade em escala global. Países implementaram medidas de distanciamento social, com fechamento de fronteiras,

restrições de viagem e lockdowns para conter a propagação do vírus; enquanto cientistas buscavam desenvolver vacinas. Diante de tal cenário, a comunicação e o papel das mídias sociais tornaram-se cruciais à disseminação de informações precisas e confiáveis, bem como para a luta contra a desinformação e as *fake news*, que podem gerar pânico e prejudicar os esforços de controle da doença.

A literatura acadêmica tem se debruçado sobre o tema da desinformação e sua relação com as narrativas socioeconômicas e raciais, especialmente no contexto da pandemia de covid-19. As principais produções focaram na desinformação sobre a pandemia vinculada a narrativas raciais e xenófobas, como a marginalização de grupos asiáticos devido a teorias conspiratórias sobre a produção e disseminação do vírus (Zhou *et al.*, 2021). Outra importante vertente de pesquisa focou em narrativas socioeconômicas e políticas que disputavam o papel de políticas públicas restritivas para diminuir a disseminação do vírus, vistas como um ataque à liberdade individual e, logo, taxando-as de antidemocráticas (Van Bavel *et al.*, 2021). Além disso, surgiram pesquisas que estudaram as redes sociais e seu impacto na disseminação da desinformação sobre a covid-19, considerando a capilaridade que essas redes possuem e a sua capacidade de segmentar conteúdo para públicos específicos, o que pode levar à maior segmentação identitária e a amplificar narrativas raciais e socioeconômicas (Allington *et al.*, 2020).

As redes sociais possuíram ainda maior relevância no caso da pandemia, pois se tornaram um dos principais meios de receber informação e de realizar comunicação na sociedade, tanto na micro quanto na macroestrutura. Assim, a ação individual angariou impacto ainda mais acentuado que em outros problemas globais, tornando a qualidade de informação mais relevante para a sociedade como forma de proteção e contenção da curva de contágio. Entretanto, esse meio está repleto de desinformação (Lazer *et al.*, 2018; Vosoughi; Roy; Aral, 2018; Singer; Brooking, 2018), especialmente em relação a um vírus a respeito do qual pouco se sabia em 2020 (Hale *et al.*, 2021). No caso da pandemia, a desinformação adveio de influencers digitais, personalidades com cargos públicos e mesmo pesquisadores da própria área da Saúde que, intencionalmente ou não, criaram ou repassaram informações erradas ou pesquisas duvidosas (Pennycook *et al.*, 2020). Essa forma de desinformação teve consequências graves na saúde pública, como a recusa de massivo número de pessoas em seguir as orientações de saúde pública, como usar máscaras, manter distanciamento social, bem como a disseminação de informações falsas sobre tratamentos e curas, levando à adoção de práticas perigosíssimas à saúde (Roozenbeek; van der Linden 2019). Pesquisas sobre a disseminação de informações falsas sobre a covid-19 identificaram que, em muitos casos, as informações falsas eram compartilhadas por uma rede de perfis com o intuito de desacreditar a gravidade da pandemia e promover tratamentos ineficazes e perigosos, como a ingestão de Ivermectina e Hidroxicloroquina (Falcão; Souza, 2021).

Com base na revisão da literatura acadêmica acima mencionada, identificamos uma lacuna na análise das primeiras narrativas no primeiro ano da pandemia, especialmente em relação às suas implicações em políticas públicas de saúde e em narrativas sobre

desigualdade racial e socioeconômica no Brasil. Enquanto estudos anteriores fornecem informações importantes sobre a disseminação de informações falsas, este artigo se propõe a preencher essa lacuna, examinando a relação entre notícias falsas e narrativas socioeconômicas e raciais que possuem intencionalidade econômica e/ou discriminatória, bem como as narrativas opostas que funcionam como forma legítima de resistência, com alto grau de disseminação e aceitação.

Esta análise é especialmente relevante para orientar políticas públicas de saúde e de comunicação, já que nosso estudo abrange a representação e a abordagem da covid-19 em seu primeiro ano no Brasil, levando em consideração a conexão entre desinformação e desigualdades socioeconômicas e raciais. A originalidade e a contribuição deste estudo residem, portanto, na combinação desses dois fatores: a análise das primeiras narrativas e a conexão entre desinformação e desigualdades socioeconômicas e raciais, o que pode oferecer um panorama mais completo e abrangente da maneira como a pandemia foi abordada e representada no Brasil.

Para analisar as narrativas relacionadas à covid-19 no primeiro ano de pandemia no Brasil, foram consideradas postagens no Twitter e Facebook de empresas no campo midiático e de indivíduos, coletadas por meio da ferramenta *BuzzMonitor*<sup>3</sup>. A pesquisa utilizou a “análise de conteúdo” como método para extrair significado do texto, de forma a criar abstrações para identificar as principais narrativas relacionadas aos posts coletados. A coleta de dados ocorreu entre 13 de março, quando a covid-19 foi caracterizada como pandemia pela OMS, e 16 de outubro de 2020, tido como o mês menos letal da pandemia, quando o vírus perdeu boa parte de sua evidência nas redes sociais. No total, foram examinados mais de 28,1 milhões de tuítes, além de milhões de postagens no Facebook e Instagram, passando por análise de sentimento, recepção e engajamento. Trata-se de um método de sistematização qualitativo, em que se buscam identificar o sentido e as relações entre temas, conceitos e narrativas, utilizando técnicas de *text mining*<sup>4</sup> e *data scraping*<sup>5</sup> nas postagens de mídia social.

É importante destacar que, embora tenha havido uma narrativa sobre a liderança das mídias sociais na pauta pública e na disseminação de informações acerca da pandemia de covid-19, a maioria das notícias no início da pandemia veio de canais oficiais midiáticos com foco em *fact checking* e na busca por informações precisas. Apesar da existência de sensacionalismo e de algumas falhas na faturabilidade, a dificuldade em obter

<sup>3</sup> Essa ferramenta possui várias vantagens sobre os métodos de coleta de dados tradicionais, incluindo a coleta e análise de grandes quantidades de dados em tempo real, de modo a automatizar o processo de coleta e triagem e fornecer insights sobre esses dados correlacionando-os com variados dados e diferentes redes sociais. Essa ferramenta foi utilizada pelos autores graças ao empréstimo generoso da empresa ELIFE – uma consultoria global especializada em inteligência de mercado e gestão de relacionamento digital que, entre outros serviços, faz análise do comportamento social a partir do monitoramento de redes sociais e sua jornada digital.

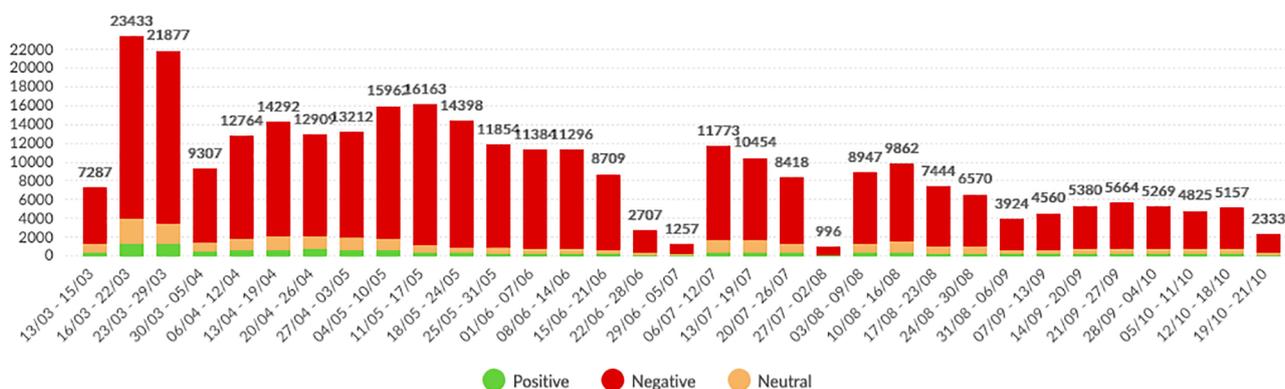
<sup>4</sup> *Text Mining*: análise automatizada de grandes volumes de texto para extrair informações deles. Envolve o uso de técnicas de processamento de linguagem natural e mineração de dados para identificar padrões, tendências em documentos de texto. Seu objetivo principal é transformar dados não estruturados em informações estruturadas, permitindo a análise e a tomada de decisões com base nesses dados.

<sup>5</sup> *Data scraping*: prática de extrair automaticamente dados de sites da web. Isso envolve o uso de programas ou scripts para coletar informações de páginas da web e convertê-las em um formato utilizável. Geralmente, é usado para fins de pesquisa, análise de dados e agregação de informações de várias fontes online.

informações confiáveis e precisas acerca de um vírus desconhecido com alto impacto de contaminação e mortalidade pode ter contribuído para a predominância de notícias negativas no período analisado.

A esse respeito, a Figura 1, a seguir, revela que, no período de 13 de março a 21 de outubro de 2020, os canais midiáticos oficiais inundaram as mídias sociais com notícias predominantemente negativas (indicadas pela faixa em vermelho), apresentando poucas notícias positivas que enalteciam as ações de combate, prevenção ou desenvolvimento de pesquisas científicas voltadas para a cura do vírus. Além disso, a Figura 1 indica que, durante as três primeiras semanas do período analisado, os canais midiáticos oficiais foram reconhecidos como fonte de informação confiável sobre um tema desconhecido e preocupante. Esses resultados evidenciam a relevância dos canais midiáticos oficiais na disseminação de informações em meio à abundância de desinformação que circulou nas redes sociais.

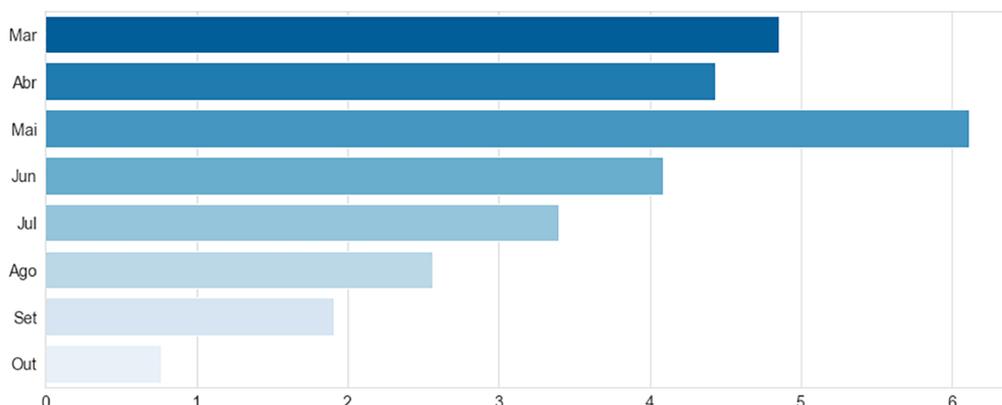
**Figura 1** – Publicações de canais oficiais de notícias sobre o coronavírus



**Fonte:** Twitter, Instagram e Facebook, Buzzmonitor, *Empresa Elife* (2020).

Ao todo, foram coletadas mais de 311.353 notícias nas redes sociais, com uma variação interessante na quantidade de publicações ao longo das semanas, indicando interesse variável sobre o tema, que foi quase inexistente em pelo menos três semanas, mesmo em período de alto número de mortes e contaminações, perdendo preponderância, por exemplo, por pautas sobre a recuperação da economia global em junho de 2020. Porém, quando correlacionamos a Figura 1 com as publicações feitas por indivíduos nas redes sociais (Figura 2, a seguir), podemos observar uma forte conexão de interesse sobre o tema. Isso reforça a conclusão que tiramos da Figura 1 sobre a capacidade dos canais midiáticos oficiais em pautar o debate nas mídias sociais, o que relativiza a narrativa de que essas mídias não possuem mais a influência necessária para pautar o debate na arena pública. Essas impressões podem estar arraigadas em desconhecimento quantitativo da realidade atual e, por isso, merecem uma análise mais cuidadosa.

**Figura 2** – Tweets por mês sobre coronavírus (em milhões)



**Fonte:** Twitter, Buzzmonitor, Empresa Elife (2020).

Os tweets individuais analisados apresentaram predominantemente um caráter negativo, seguindo a tendência global, e abordaram diversos temas como forma de interação com as mídias tradicionais, mostrando certa independência do usuário após a recepção da informação. Essa variação de temas e opiniões permite uma análise mais ampla das narrativas que surgiram sobre a pandemia no ano de 2020, foco deste artigo.

Dentre as principais vertentes observadas, destacam-se aquelas relacionadas às questões socioeconômicas e raciais, que podem ser divididas em duas narrativas e formas de resistência discursiva a elas: a) a covid-19 seria uma “doença de rico” que afetaria mais os “pobres”; b) pessoas de baixa renda possuem “maior resistência fisiológica que os ricos” devido à sua condição de vida.

## A PERCEPÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIAL EVIDENCIADA PELA PANDEMIA NO BRASIL

As primeiras narrativas sobre a covid-19 nas mídias sociais brasileiras seguiram o contexto internacional e a expansão do vírus, apresentando pouco engajamento sobre a situação da saúde pública na China. Entretanto, quando o vírus atingiu a Europa, o tema ganhou relevância nas mídias sociais brasileiras, especialmente quando o setor de turismo e locomoção foram afetados com medidas restritivas. Durante o período compreendido entre a segunda semana de fevereiro e a última de março de 2020, foram registradas mais de 250 mil publicações relacionadas ao tema, um salto de 75% em relação ao interesse com a China.

Uma análise mais aprofundada dessas narrativas iniciais revela a existência de desigualdades socioeconômicas que permeiam as percepções e respostas dos usuários das mídias sociais. As publicações descreviam realidades distintas das vivenciadas pelas

classes mais pobres e mais vulneráveis da população brasileira. Essas distorções invariavelmente trouxeram problemas quanto à gravidade do vírus, à importância da prevenção e sobre quem realmente deveria se preocupar com a pandemia, em ambos os lados do espectro socioeconômico.

Por exemplo, a notícia sobre a entrada do vírus no Brasil, supostamente trazido ao país por um turista de 61 anos recém-chegado da Itália, começou a circular a partir de fevereiro de 2020 (“Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil”, G1 26/02/2020)<sup>6</sup>. Essa notícia recebeu alto engajamento nas mídias sociais, com mais de 110 mil interações no Facebook. O debate orgânico nas mídias sociais utilizava-se, muitas vezes, do sarcasmo para expressar a conclusão de que o vírus seria um “souvenir” trazido na mala da classe mais abastada ao Brasil com impacto na saúde dos trabalhadores que entravam em contato com elas, mas que não possuíam acesso a um sistema de saúde privado.

Esse fenômeno pode ser visto como uma forma de resistência e crítica social, mas também como uma forma de contribuição à desinformação e uma minimização da gravidade do problema. Um exemplo dessa narrativa é o tuíte apresentado na Figura 3, a seguir.

**Figura 3** - Twitter, usuário preservado, publicação de 20/03/2020

@eitobis Vi não 😞😞😞 quem tem dinheiro vai p/ Europa e traz o corona na bagagem e nos pulmões passa pro porteiro, doméstica e depois vai se cuidar num Albert Einstein da vida, enquanto quem trabalha pra sobreviver leva o vírus pra sua família e periferia.

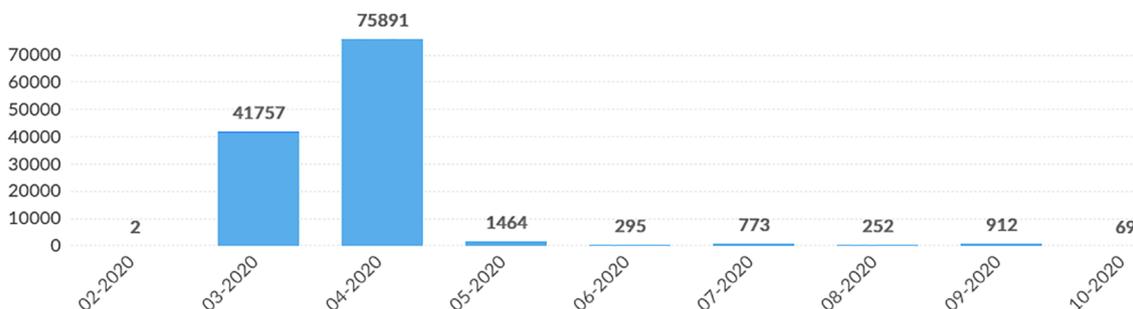
**Fonte:** Twitter, Buzzmonitor, Empresa Elife (2020).

A narrativa ganhou ainda mais importância após as críticas direcionadas à influenciadora digital Gabriela Pugliesi (com quase 6 milhões de seguidores), que contraiu o vírus em fevereiro e, posteriormente, foi acusada de promover uma festa durante a pandemia e de influenciar negativamente seus seguidores. Diante das críticas, Pugliesi chegou a dizer que havia um “lado positivo” no vírus, por ter contribuído com o crescimento de sua empatia em relação à desigualdade social no país. No entanto, essa declaração foi vista por muitos usuários como uma tentativa de “romantizar” a pandemia, especialmente considerando o aumento alarmante no número de mortes globalmente, bem como na desigualdade ao acesso aos cuidados de saúde. Outros influenciadores e a imprensa criticaram o comportamento da influenciadora, já que isso poderia contribuir para a disseminação de desinformação, dada a grande quantidade de seguidores que ela possui em suas redes sociais. Durante o período de março a abril, foram monitoradas cerca de 117.000 postagens sobre a influenciadora neste estudo.

<sup>6</sup> Essa notícia foi acompanhada pela mídia, por exemplo, pelo sítio G1 São Paulo, que fez matéria seis meses após o primeiro caso. O sítio também aproveitou para reiterar informação sobre a primeira vítima da covid-19 no país, Rosana Aparecida Urbano, de 57 anos, que teria acontecido no dia 12 de março e não 16 de março, como antes se acreditava (*Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta*, G1, 26/08/2020).

A Figura 4 mostra o número de publicações relacionadas a Gabriela Pugliesi e o alto impacto que seus atos e falas suscitaram, sendo a fala mais comentada sobre a doença no Brasil advinda de pessoa pública, antes de março de 2020.

**Figura 4** – Número de publicações sobre Gabriela Pugliesi



**Fonte:** Twitter, Instagram e Facebook, Buzzmonitor, Empresa Elife (2020).

O tweet da Figura 5, a seguir, exemplifica a narrativa anteriormente descrita, ao dar enfoque ao impacto desigual do vírus na situação socioeconômica do Brasil. É interessante notar que essa narrativa difere das postagens disponíveis em países europeus, que se concentravam principalmente na prevenção. Essa discussão evidencia uma conscientização por parte significativa do público brasileiro nas redes sociais que se engajou sobre as condições de acesso e de aparelhamento do sistema público de saúde brasileiro.

**Figura 5** - Twitter, usuário preservado, publicação de 19/03/2020

RT @isaacdeoli: Segundo a blogueira Pugliesi, alcançamos a "igualdade social" nesta crise do coronavírus. Para ela, ricos e pobres lutam com as mesmas armas neste momento.

**Fonte:** Buzzmonitor/Twitter (2020).

A flexibilização das normas de segurança e o distanciamento social em prol do comércio de luxo e dos privilégios das classes mais abastadas também contribuíram para reforçar essa narrativa. Uma matéria publicada pelo G1, em 5 de setembro de 2020, destacou o desrespeito às normas de segurança contra a covid-19 em Jericoacoara, que contava com ocupação hoteleira de 100%. Essa matéria teve destaque ao gerar 22.655 interações no Facebook, com uma análise de sentimento prioritariamente negativa.

A vertente, que Pugliesi e tantos outros buscaram disseminar, de que a covid-19 era um “vírus democrático” e não faria distinção entre cor de pele, gênero ou classe social, também recebeu, após algum tempo, suas críticas e logo perdeu a importância – visto ter chegado a ser a segunda mais citada inicialmente por posts de ambos os vieses

ideológicos. Tais discursos podem ser interpretados como tentativas de “união contra o vírus”, visando a um inimigo comum em um discurso dissociado de políticas sectaristas na busca da construção de um “nós contra eles”. Normalmente, esses discursos criticam a polarização política, argumentando certa “objetividade do vírus”. A Figura 6, a seguir, corrobora esse posicionamento.

**Figura 6** - Tuíte de usuário preservado sobre narrativas

Aviso: o coronavirus é democrático e ataca pobre, rico, politico, médico, jornalista etc.. Quando você torce para o vírus para proteger seu lado politico é bom lembrar que você pode ser a próxima vitima. Essa luta é de todos os brasileiros. Casa dividida, não próspera!

**Fonte:** Buzzmonitor/Twitter (06/04/2020).

Tais narrativas rapidamente perderam força, especialmente após os primeiros relatórios sobre os afetados pela pandemia (“Nas periferias cai o mito da ‘doença democrática’” El País, 06/05/2020)<sup>7</sup>. Assim, pesquisadores, cientistas e jornalistas logo contestaram essa posição na medida que os dados de pacientes foram publicados. O principal argumento ressalta que a crise na saúde pública e os contínuos ataques à restrição de contato e movimento iriam agravar as desigualdades sociais vivenciadas pelo país. Destaque para o impacto da postagem do jornalista Leonardo Sakamoto afirmando que o vírus, em sua essência, não diferencia a condição social do hospedeiro, mas as políticas públicas, sim, tornam certas camadas da sociedade mais vulneráveis que outras. Duas publicações do jornalista somaram 65 mil interações no Facebook: “Coronavírus não prefere pobre ou rico. Mas governos e suas políticas, sim” e “Coronavírus: Brasil mostra que é projetado para matar pobre em pandemia” (UOL, 15/03/2020).

## UMA DISPUTA ENTRE DOIS MODELOS POLÍTICO-ECONÔMICOS: ATAQUES E RESISTÊNCIAS

A cronologia do vírus no Brasil disposta pela mídia nas redes sociais, segundo a qual a primeira leva de infectados seriam turistas expostos ao vírus na Europa, seguida pela sua expansão por denúncias de festas de luxo e resorts cheios, ajudou a consolidar nos

<sup>7</sup> Essa afirmação foi também atestada pelo importante Relatório Conectas/CEPEDISA (2021), que fez um extenso mapeamento e análise da política pública governamental federal durante a pandemia, seus erros e a conseqüente violação de direitos feita pelo governo.

primeiros meses, essa narrativa de uma doença espalhada por ricos aos mais pobres. Essa narrativa se desdobrou em duas vertentes como respostas ou formas de resistência.

A primeira, em menor escala, via um “lado positivo” na pandemia, pois ela forçaria o sistema capitalista a realizar alguma forma de redistribuição econômica. Essa narrativa advinha de análises de filósofos e cientistas políticos que, na época, diziam que o vírus iria reafirmar a importância do redesenho do capitalismo e da globalização, além da necessidade de um sistema de seguridade social eficiente em todos os países. Em um dos casos mais extremos, e não extremados, temos o lançamento do livro do filósofo Slavoj iek (“Pandemic! COVID-19 Shakes the World”) em abril de 2020. Nessa obra, iek argumenta que a pandemia estaria testando os limites do capitalismo e que pedia por um novo sistema político-econômico com um governo de Estado direcionador dos recursos econômicos. Nas redes sociais, pudemos notar os extrapolamentos ou variantes dessa teoria.

O ex-ministro das Relações Exteriores de Bolsonaro Ernesto Araújo foi um dos principais críticos das ideias do filósofo esloveno iek. Araújo alertava sobre o risco de emergência de uma sociedade totalitária como consequência da pandemia, defendendo uma forma de mínimo Estado e liberdade individual apoiada na visão entre uma disputa entre neoliberalismo e comunismo. Com isso, ele criticou a visão de iek, que chamou de “infame”. Em um post no Twitter, que se tornou um dos mais retuitados positivamente da discussão, com mais engajamento que os posts do próprio iek, Araújo afirmou que o filósofo “traz os campos de concentração como referência quando fala da sociedade totalitária que, em sua teoria, pode emergir da pandemia e pela qual ele torce” (Twitter, 29/04/2020).

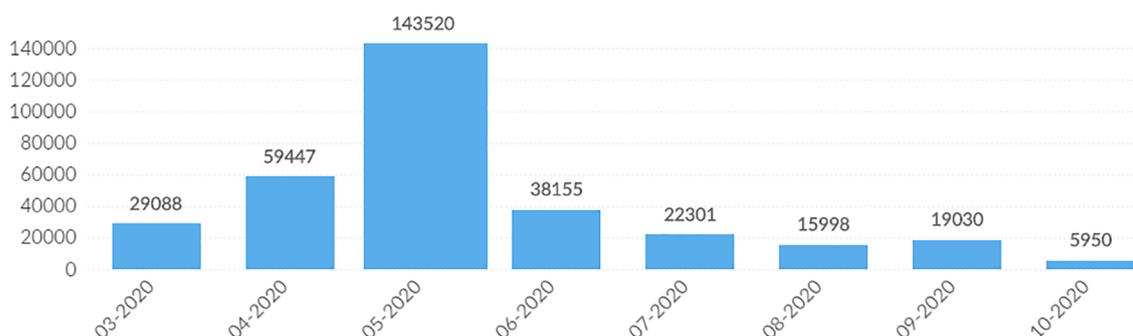
A discussão sobre o “lado positivo” da pandemia gerou um intenso debate nas redes sociais e teve reflexos políticos significativos no Brasil. Os defensores da liberdade individual argumentaram que era preciso enfrentar a crise sanitária e econômica por meio da flexibilização das medidas de isolamento social e da abertura dos negócios, enquanto os críticos do governo Bolsonaro e defensores de políticas sociais mais abrangentes questionaram a efetividade do modelo político-econômico de vertente neoliberal diante dos desafios impostos pela pandemia, ressaltando o quanto ele é assimétrico e pune os mais pobres, especialmente em épocas de urgência, como no caso da pandemia.

Apesar disso, pudemos notar o quanto apontar o “lado positivo” da pandemia gerou massivo engajamento negativo, de forma que pessoas que denunciavam essa fala recebiam forte apoio nas redes sociais. Nesse contexto, a crítica de Araújo a iek serviu como elemento de coesão a grupos de direita que apoiavam Bolsonaro e buscavam respostas à pandemia que mostrava as falhas de um sistema econômico que privilegiava ações individuais como o neoliberal e a falta de assistência à seguridade social. As posições de Araújo e iek foram apoiadas e contestadas por diferentes grupos, gerando um debate sobre o papel do Estado, a importância da liberdade individual e os riscos de uma sociedade totalitária.

Considerando as discussões sobre o impacto social assimétrico da pandemia e a necessidade de reavaliar a relação entre Estado, mercado e seguridade social, a polarização política intensificou-se e teve reflexos nas redes sociais, o que dificultou a adoção de medidas consensuais para prevenção e controle da doença. A polarização gerou diferentes

percepções sobre declarações de líderes políticos, como no caso da fala do ex-presidente Lula, que afirmou que “ainda bem que a natureza, contra a vontade da humanidade, criou esse monstro chamado coronavírus. Porque esse monstro está permitindo que os cegos comecem a enxergar que apenas o Estado é capaz de dar solução a determinadas crises” (UOL, 20/05/2020). Essa frase gerou críticas contundentes em que o recorte “ainda bem que a natureza criou o coronavírus” ganhou relevância sobre o resto de sua frase, sendo colocado em um contexto pelos seus adversários de desdém com um cenário de milhares de mortes diárias, desemprego e outros graves problemas sociais. Embora muitos considerassem que essa declaração evidenciava a necessidade de um Estado mais presente na solução da crise sanitária e econômica, as palavras escolhidas por Lula tiveram alto nível de engajamento negativo nas mídias sociais, com sua presença quase triplicando em relação ao mês anterior, como mostrado na Figura 7.

**Figura 7** – Número de publicações sobre a declaração de Lula



**Fonte:** Buzzmonitor, Empresa Elife (2020).

Pode-se dizer que esse debate sobre o “lado positivo” da pandemia e as diferentes visões sobre o papel do Estado e do neoliberalismo na crise mostram como questões políticas e ideológicas se sobrepuseram a aspectos técnicos e científicos, urgentes, da pandemia, aumentando a polarização e dificultando o consenso em relação a medidas de prevenção e controle da doença, pois facilitou a mobilização de grupos refratários às políticas de prevenção, adotadas no Brasil graças à pressão interna e externa, que se encontravam dispersos nas redes sociais quando confrontados com o despreparo da saúde pública e a necessidade de seu melhoramento e expansão.

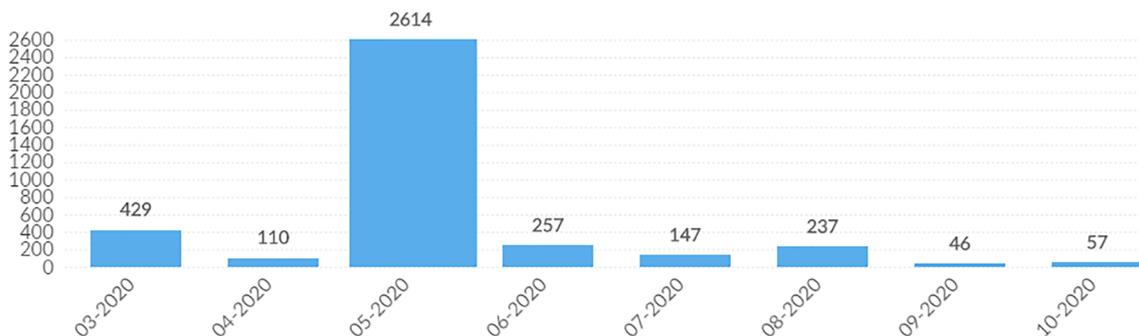
Finalmente, a segunda vertente narrativa sobre a pandemia no Brasil divergia da primeira, pois não via um lado positivo na disseminação do vírus. Ao contrário, acreditava-se que os ricos estavam impondo um flagelo às pessoas mais pobres, que estavam mais expostas ao contágio devido ao contato inevitável com seus empregadores, especialmente em ocupações como a de empregadas domésticas, que se tornou o exemplo mais citado nas redes sociais. Um caso noticiado em março de 2020 por diversos canais ilustrou

essa narrativa: a “Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon” (UOL 19/03/2020), bairro habitado por pessoas de alto poder aquisitivo.

Nas redes sociais, a discussão em torno dessa vertente tomou diferentes ângulos. Além do fato de ser considerada “uma doença de rico afligindo os mais pobres”, discutia-se quais seriam os direitos da classe trabalhadora. Para surpresa de muitos, a tendência das autoridades foi a de, no máximo, considerar o contágio como simples “acidente de trabalho” (decisão da Justiça do Trabalho e do STF em 29 de abril de 2020). Embora essa decisão tenha facilitado a reivindicação de benefícios, ainda assim, chocou pela banalização do tema e da preocupação com a vida do trabalhador em um contexto em que contrair covid-19 significava não ter acesso a hospitais – lotados – e poderia resultar em mortes ou sequelas graves.

O gráfico da Figura 8, a seguir, mostra o tamanho do engajamento nas redes sociais sobre o tema, especialmente em relação às trabalhadoras domésticas. Esse gráfico representa mais de 28 milhões de impactos em cerca de 4 mil publicações, indicando que essa narrativa tomou significativo corpo a partir do mês de maio, logo após a decisão do STF. Maio foi o mês com maior número de postagens que discutiam tanto as responsabilidades do Estado para com os mais pobres quanto a desigualdade social evidenciada durante a pandemia. Nesse momento, o vírus se espalhava com força pelo Brasil, não mais restrito às notícias de viajantes de classe média ou alta que voltavam ao país com o vírus. Assim, a realidade de que o coronavírus se instalara em todos os estratos sociais do país se deu em meados de abril, e as discussões sobre seu impacto cresceram realmente em maio de 2020.

**Figura 8** - Número de postagens sobre coronavírus e trabalhadoras domésticas



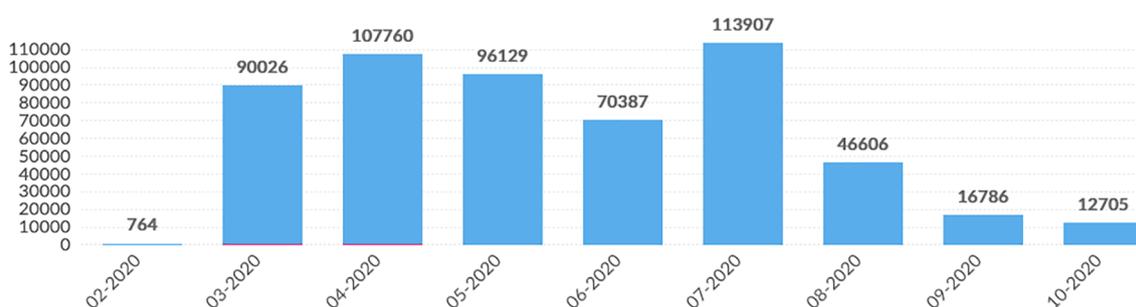
**Fonte:** Buzzmonitor, Empresa Elife (2020).

Ainda assim, a visão anterior, que compartimentalizava a pandemia como se fosse possível setorizar e associar as origens de um vírus a uma única pessoa ou classe social, somada às falas de personalidades públicas como o Presidente da República, Jair Bolsonaro, que tratava a pandemia como uma “gripezinha” (G1 20/03/2020), fizeram com que a doença fosse tratada com menor gravidade do que a pandemia realmente demandava,

reforçando a percepção da não necessidade de que medidas de prevenção e cuidados, especialmente em relação ao trabalhador, fossem adotadas e apoiadas por boa parte da classe empresarial, contrária às restrições à economia.

O número de menções ao termo “gripezinha” (Figura 9) foi altíssimo em mais de 555 mil postagens monitoradas, com relevância especialmente durante o mês de junho, em que a economia voltou a dar sinais de aquecimento. Isso demonstra, por um lado, tanto intencionalidade em minimizar a pandemia para diminuir as restrições e forçar o trabalhador a voltar a se locomover normalmente, quanto, por outro lado, resistência a essa narrativa em forma de denúncia por parte da classe empresarial contrária às restrições à economia.

**Figura 9** – Número de postagens contendo o termo “gripezinha”



**Fonte:** Buzzmonitor, Empresa Elife (2020).

Apesar da propagação de *fake news* sobre a covid-19, é importante ressaltar as personalidades que ganharam lugar na mídia ao trazer ao público informações comprovadas cientificamente sobre o coronavírus. O *Science Pulse*<sup>8</sup> e o Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD) divulgaram, em dezembro de 2020 (SciencePulse, IBIPAD 2020), os resultados de um estudo que buscou analisar interações no Twitter com o objetivo de identificar os influenciadores que mais tiveram interações na comunidade científica sobre a pandemia e o vírus da covid-19. Entre os influenciadores estão cientistas, instituições e influenciadores e acadêmicos, como a jornalista Luiza Caires, a biomédica Melanie Fontes-Dutra e os médicos Otavio Ranzani e Márcio Bittencourt, conforme gráfico da Figura 10, a seguir.

<sup>8</sup> O Science Pulse é um projeto para monitorar o engajamento científico de milhares de perfis brasileiros e estrangeiros, considerando cientistas, organizações e iniciativas científicas no Twitter, destacando, em tempo real, os cinco assuntos mais comentados nesses perfis via *hashtags*.

**Figura 10** – Principais pesquisadores científicos e instituições científicas brasileiras

**PRINCIPAIS  
INFLUENCIADORES<sup>1</sup>**

GRUPO - I

**PESQUISADORES E INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS**

#	NOME / USUÁRIO	PERFIL	SEGUIDORES
1.	Atila Iamarino (@oatila)	Divulgador científico	1.085.123
2.	Luiza Caires (@luizacaires3)	Jornalista / Divulgadora científica	33.078
3.	Otavio Ranzani (@otavio_ranzani)	Epidemiologista / Médico	16.091
4.	Mellanie Fontes-Dutra (@mellziland)	Neurocientista / Divulgadora científica	9.003
5.	Marcio S Bittencourt (@MBittencourtMD)	Cardiologista / Editor científico / Professor	6.014

**DIVULGADORES CIENTÍFICOS SÃO DESTAQUE  
QUANDO O ASSUNTO É COVID-19**

A lista mostra que as vozes mais influentes sobre Covid-19 no Twitter são profissionais que usam a rede com o objetivo claro de divulgação científica.

Quase todos os principais influenciadores utilizam também outros espaços para compartilhar conteúdo sobre ciência (site, blog, youtube etc.).

<sup>1</sup> Os principais influenciadores foram selecionados levando em consideração os fatores de autoridade e articulação na rede, sendo popularidade o último critério de desempate. Para mais informações sobre essas medidas, conferir a [Metodologia](#).

**Fonte:** Science Plus, IPBAD (2020).

Um dos nomes citados na pesquisa é o do biólogo Atila Iamarino, importante voz na divulgação científica sobre o vírus e medidas protetivas. Desde o início da pandemia, o pesquisador se manifestou no Twitter e em seu canal no Youtube, buscando informar a população sobre a evolução da pandemia, divulgando atualizações sobre as descobertas a respeito do vírus. Iamarino também foi convidado a participar do programa de TV Roda Viva e aumentou ainda mais seu público, o qual atualmente consta de 1,2 milhões de seguidores no Twitter e mais de 1,5 milhões no Youtube (Dados: Twitter e Youtube, 2020).

As redes sociais impulsionaram o acesso à informação, de modo que o conhecimento científico ficou mais acessível, saindo de artigos acadêmicos para informações mais didáticas sobre o tema, conseguindo alcançar ainda mais pessoas, nas mais diferentes classes sociais e com diversos índices de escolaridade. Uma análise do Núcleo sobre esse estudo constatou que os picos de engajamento nas contas desses principais divulgadores identificados pelo Science Pulse têm relação com o agravamento dos números da pandemia no país (Science Plus, IBPAD 2020).

## **NARRATIVAS HIGIENISTAS E A DESIGUALDADE NA PANDEMIA: REFLEXÕES A PARTIR DA PERCEPÇÃO DE SAÚDE DE PESSOAS DE BAIXA RENDA**

A página “Pobre Fazendo Pobrice”, com mais de 10 milhões de curtidas no Facebook, retrata estereótipos sobre pessoas consideradas “pobres” e sua relação com hábitos alimentares e de consumo. Embora haja uma disparidade socioeconômica entre os

grupos, os “pobres” são retratados como criativos e resistentes, capazes de enfrentar adversidades. Isso tem relevância para entender como a identidade social e as relações de poder afetam a percepção da própria saúde e o comportamento em relação a doenças, incluindo a covid-19. A influência da distinção de heterotípicos biológicos baseados na renda pode ser observada na forma como os usuários percebem sua própria saúde e seu comportamento na prevenção e no tratamento de doenças, especialmente na pandemia da covid-19. A existência de nichos de conteúdo especializado nas mídias sociais, criados por influenciadores digitais e administradores de comunidades, reflete essa influência.

É importante notar que essa distinção baseada na renda também afeta a percepção da própria saúde e do comportamento em relação à prevenção e ao tratamento de doenças durante a pandemia. Em tais nichos, observa-se que os discursos dos pacientes enfatizam a falta de acesso ao sistema de saúde. Algumas teorias, como a “hipótese higienista” (Liu, 2007), surgiram para justificar essa suposta diferença entre “pobres” e “ricos”, em vez de questionar a falta de acesso dessa população marginalizada a testes e ao sistema de saúde adequado. A subnotificação de casos nessas regiões também foi evidente em publicações científicas, como Silva (2021) e o relatório da OXFAM “O Vírus da Desigualdade” (2021).

Ademais, essa falácia foi reproduzida por pessoas públicas, como o deputado federal Celso Russomanno, que afirmou que moradores de rua e usuários de drogas eram mais resistentes à covid-19 (G1, 13/10/2020).

Todo mundo esperava que a Covid tomasse conta de todo mundo, até porque, eles não têm o afastamento que foi pré-estabelecido pela OMS. E eles estão aí, nós temos casos pontuais, e não temos uma quantidade imensa de moradores de rua com problema de Covid. Talvez eles sejam mais resistentes do que a gente, porque eles convivem o tempo todo nas ruas, não tem como tomar banho todos os dias etc.

Grande parte da narrativa em torno do mito de que pessoas de baixa renda são mais fortes e mais resistentes física e emocionalmente se restringe a uma falácia no contexto da covid-19, que tenta ocultar tanto as falhas estruturais e pontuais do Sistema Único de Saúde (SUS) e sua constante falta de financiamento quanto a ineficiência e negligência do sistema de saúde em atender a população de baixa renda. Apesar disso, o SUS ainda é um serviço essencial na contenção e no salvamento de vidas durante essa pandemia.

A alta transmissibilidade da covid-19, somada à densidade demográfica em áreas urbanas, criou um ambiente favorável ao crescimento dos índices de disseminação da doença entre a população vulnerável. Nesse processo, narrativas higienistas e a falta de acesso à informação, à saúde pública e a itens básicos, como água e saneamento básico tornaram a doença ainda mais grave à população de baixa renda no Brasil.

Estudos sobre o impacto da covid-19 em países de baixa e média renda já previam que as desigualdades sociais seriam escancaradas pela crise de saúde pública (Bong *et al.* 2020). No entanto, nas mídias sociais, como vimos, as primeiras narrativas defendiam que a doença afetaria apenas as pessoas mais vulneráveis em termos fisiológicos, como idosos e pessoas com doenças preexistentes.

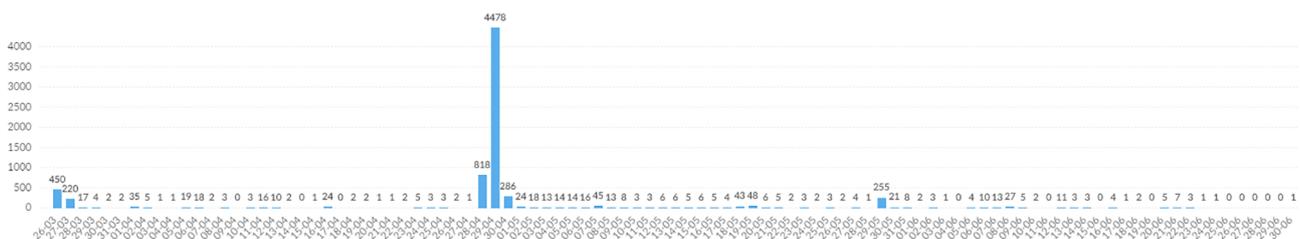
Desse modo, a ideia de que o vírus seria apenas uma “gripe mais forte” ganhou força e diminuiu o impacto de políticas de prevenção. Nas mídias sociais, publicações muitas vezes ligadas a canais de personalidades importantes afirmavam que pessoas que sobreviveram à realidade das favelas estariam supostamente imunes ao vírus (como denunciou reportagem do El País 05/04/2020).

O ex-presidente Jair Bolsonaro foi acusado de negacionismo na gestão da pandemia no Brasil (“Afastado até de Trump, Bolsonaro lidera negacionismo do coronavírus no mundo e incentiva fake news”, El País, 30/03/2020). O discurso de que a doença estaria restrita às classes abastadas foi implicitamente estimulado pela fala do presidente em março de 2020, quando afirmou que “brasileiro precisa ser estudado ... Você vê o cara pulando no esgoto e não acontece nada com ele” (Folha de S. Paulo 26/03/2020). Em outros momentos, como visto, o presidente já havia comentado que se tratava de uma “gripezinha”, o que também reforçou a ideia de que a doença seria menos perigosa do que o argumentado por médicos e pesquisadores.

Em entrevista para explicar a crise humanitária pela qual passava o município de Manaus, o ex-prefeito Artur Neto explicitamente criticou essa visão de que “se não morreu na favela e pelo contato com água suja, não vai morrer de COVID”, apontando como uma das principais causas a baixa adesão ao isolamento social na cidade, dado que muitos entendiam que “doença de rico não pega em pobre”. Nessa entrevista, o ex-prefeito explicitamente criticou Jair Bolsonaro por contribuir com a manutenção desse mito.

Embora a fala de Bolsonaro sobre a imunidade do “pobre que pula em esgoto” tenha gerado mais de 23 milhões de interações no Twitter, é preciso relativizar esse número pois somente cerca de 700 publicações foram imediatamente favoráveis, sendo que o pico de publicações desfavoráveis ocorreu apenas um mês depois de ela ter sido emitida (28/04), graças a posts denunciando Bolsonaro e sua política negacionista. O gráfico da Figura 11, a seguir, ilustra a repercussão das declarações do presidente nas redes sociais.

**Figura 11** - Repercussão à fala de Bolsonaro sobre a relação entre “pobre” e “esgoto”

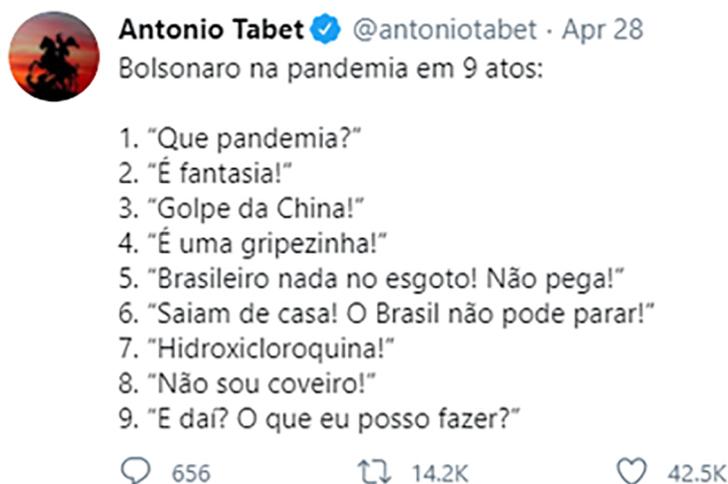


**Fonte:** Twitter, Buzzmonitor, Empresa Elife (2020)

Assim, o aumento significativo de tweets contrários à fala de Bolsonaro, com impacto muito maior do que a sua própria declaração, destaca a influência de personalidades nas mídias sociais. Nesse caso, essas personalidades auxiliaram a criar um efeito

desagregador em grupos favoráveis ao ex-presidente na arena pública das mídias sociais. O humorista Antonio Tabet é um exemplo desse fenômeno, pois em um único post crítico motivou todo o pico de reação que vimos no gráfico acima, com engajamento total de mais de 17 milhões, mais de 5,5 mil publicações mencionando-o e grande número de retuites, acima de 14 mil<sup>9</sup>.

**Figura 12** - Tuíte de Antonio Tabet sobre os “atos de Bolsonaro” durante a pandemia.



**Fonte:** Twitter (2020).

A percepção de que os “pobres” são mais resistentes à covid-19 não é uma opinião exclusiva de Bolsonaro. Em outubro de 2020, o candidato à prefeitura de São Paulo, Celso Russomanno, utilizou a mesma narrativa e recebeu críticas semelhantes, indicando possível consolidação do rechaço dessa linha por boa parte da sociedade. No entanto, acreditamos que esses dados são indicativos de fenômeno mais amplo. Durante a pandemia, várias campanhas foram criadas nas redes sociais para informar sobre a gravidade do vírus, especialmente entre os mais pobres, focando na desconstrução da ideia de que a covid-19 era “doença de rico” e de que os mais pobres seriam mais imunes a ela. Influenciadores e usuários do Twitter se mobilizaram para conscientizar sobre os cuidados básicos de prevenção, como o isolamento social. Uma dessas campanhas, promovida pelo Esporte Clube Bahia (Figura 13), ganhou destaque devido à sua popularidade e adesão de influenciadores, com a divulgação da hashtag #EsseJogoSeGanhaEmCasa.

<sup>9</sup> É importante observar que o engajamento de mais de 17 milhões mencionado anteriormente se refere apenas à narrativa específica da fala de Bolsonaro que relaciona pobre, esgoto e imunidade. Se considerarmos as outras declarações do presidente em relação à pandemia, a reação negativa nas mídias sociais é ainda maior.

**Figura 13** – Publicação no Facebook do Esporte Clube Bahia



**Fonte:** Facebook, Página Esporte Clube Bahia (2020).

Assim, o mito de que pessoas de baixa renda possuem maior imunidade foi uma falácia utilizada para tentar ocultar as falhas do Sistema Único de Saúde e a incapacidade do sistema de saúde em atender a população de baixa renda devido, principalmente, a políticas que visavam a desestruturar. Nesse sentido, é vital reconhecer as narrativas apresentadas, e como foram apresentadas e desenvolvidas no primeiro ano da pandemia, para se entender influência das identidades sociais e das relações de poder na percepção da própria saúde e no comportamento para prevenção e tratamento de doenças, bem como para se mensurar possíveis meios de mitigar esses males no futuro e criar formas de resistência.

## **A REAÇÃO AO ISOLAMENTO SOCIAL E AOS DADOS SOBRE A DESIGUALDADE DO IMPACTO DO COVID-19: DOENÇA DE RICO, MAS QUEM SOFRE SÃO OS POBRES**

A discussão sobre a reabertura econômica ganhou destaque a partir de maio, impulsionada pelo aumento do desemprego e pela redução da renda. Nas mídias sociais, algumas postagens que incentivavam o distanciamento social foram respondidas com a argumentação de que a situação financeira das famílias as obrigava a voltar ao trabalho. A narrativa “doença de rico, mas quem sofre são os pobres” perdeu espaço para a discussão sobre o perfil dos afetados pela doença. Nesse contexto, alguns usuários comentaram sobre o aumento da inflação, principalmente em relação a alimentos como o arroz. Outro

discurso que emergiu e ganhou força entre a classe empresarial e apoiadores do ex-presidente Bolsonaro para contestar as medidas de prevenção foi o que afirmava que “ou se morre de Covid ou se morre de fome”, destacando o impacto econômico da pandemia, mas ignorando a desigualdade social e os riscos que a pandemia trazia à vida das pessoas convocadas a “voltar à normalidade” enquanto milhares morriam diariamente<sup>10</sup>.

Nesse ponto, ativistas e influenciadores comentaram nas mídias sociais sobre as condições urbanas nas favelas e grandes aglomerações, o que tornava o distanciamento social um privilégio das classes abastadas (Figura 14). Movimentos que advogavam pela abertura do comércio foram, dessa forma, criticados e classificados como elitistas.

**Figura 14** – Tuíte, usuário preservado, sobre a impossibilidade de isolamento nas favelas

É muito louco olhar o quanto uma parcela da sociedade está preocupada com as aglomerações em espaços privilegiados da cidade, quando em muitas favelas e periferias o distanciamento social era algo quase que impossível, pensando na geografia delas.  
Mas nós fizemos o possível!

**Fonte:** Buzzmonitor/Twitter (06/09/2020).

Assim, a participação do presidente Jair Bolsonaro em manifestações e carreatas contra o isolamento social e em favor da reabertura econômica também teve um impacto significativo no debate. A *Folha de S. Paulo* publicou uma série de publicações destacando o conteúdo dessas manifestações, que gerou mais de 150 mil interações no Facebook marcadas por pedidos de abertura do comércio e críticas ao prefeito de São Paulo, João Doria, e ao presidente da Câmara, Rodrigo Maia (Folha de S. Paulo, 19/04/2020).

Uma das principais críticas à reabertura econômica foi em relação à diferença no acesso à saúde entre os sistemas público e privado, especialmente em relação às taxas de ocupação de UTIs. A falta de acesso à saúde da população vulnerável somada às altas taxas de contaminação em áreas densamente povoadas, como favelas, foram argumentos para manter o isolamento social em vez de optar pela reabertura. Nesse contexto, perfis progressistas defenderam a criação de uma fila única de leitos de UTIs que incluísse tanto o sistema público quanto o privado. Eles argumentaram que a reabertura econômica estaria sendo forçada porque os hospitais particulares ainda estavam aptos a absorver a demanda entre os privilegiados. Caso contrário, diziam, a classe mais rica ainda estaria pedindo por

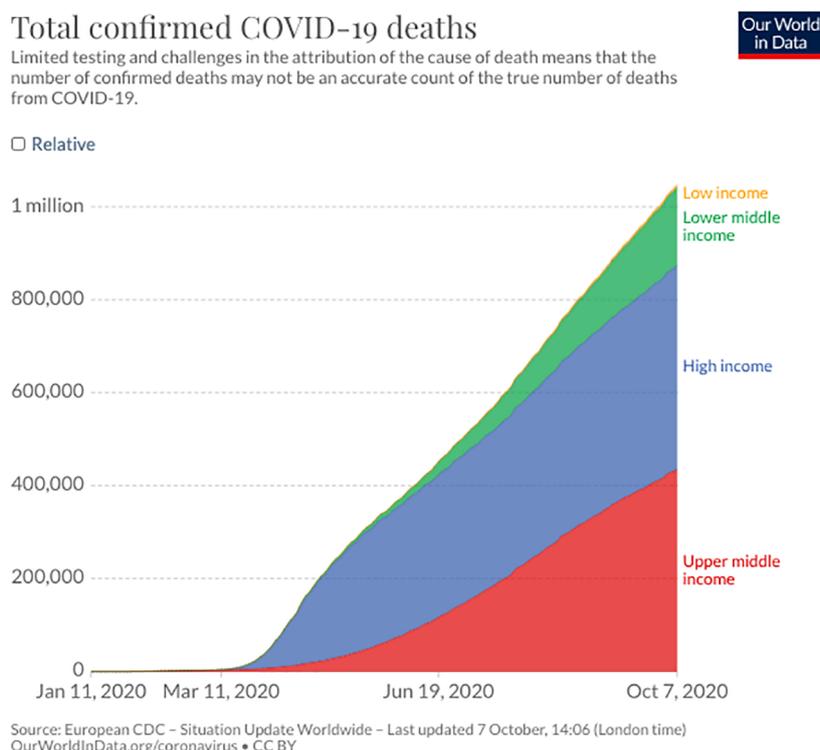
<sup>10</sup> Em pesquisa sobre o impacto econômico da pandemia em 2020 foi mostrado que os mais pobres foram os que mais sofreram no quesito econômico com a pandemia, perdendo em torno de 33% de sua renda, enquanto os mais ricos perderam cerca de 3%. (Folha de S. Paulo 21/10/2020).

restrições. Manchetes como “Ricos fretam jatinhos para tratar Covid. Pobres sofrem nos hospitais” foram divulgadas por jornais, como o *Correio Braziliense* (05/07/2020).

## QUEM FOI REALMENTE AFETADO PELA COVID-19?

As primeiras narrativas sobre o perfil dos pacientes da covid divulgaram estudos do Banco Mundial sobre sua renda que indicavam que o perfil desses pacientes era predominantemente de alta renda, mostrando tendência seletiva global. A Figura 15, a seguir, mostra o número de mortes por covid confirmadas no ano de 2020 (de janeiro a outubro).

**Figura 15** – Total de mortes confirmadas por covid (jan. a out. de 2020)



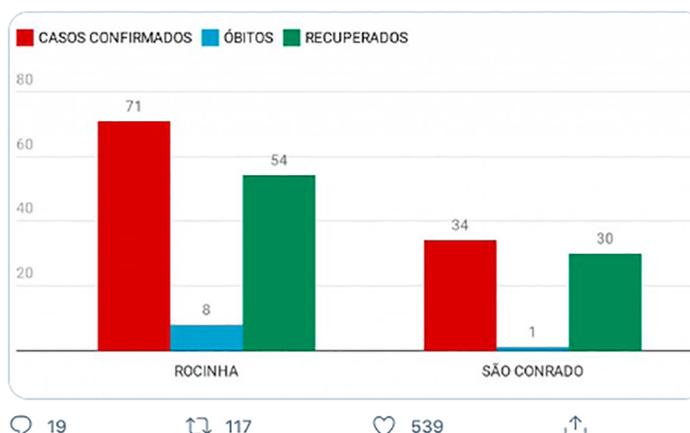
**Fonte:** Our World in Data (2020).

Entre os meses de abril e maio de 2020, jornalistas da grande mídia, da mídia independente e pesquisadores acadêmicos passaram a questionar tais dados. Eles apresentaram dados epidemiológicos regionais sobre os pacientes afetados pela doença, associados às taxas de letalidade da doença entre as diferentes classes sociais. Assim, começou-se a questionar se esses dados estariam encobrindo uma subnotificação dos casos de covid-19 devido à falta de acesso a testes.

A divulgação de resultados de análise de dados por pesquisadores e pela mídia independente foi responsável por aprofundar o debate sobre o perfil epidemiológico e de expansão da covid-19 e para se fazer maior pressão ao governo pela falta de transparência na divulgação de dados. Entre os perfis de mídia independente, vale citar a jornalista Michele Silva, cofundadora do canal “Fala Roça”, sobre a favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Sua publicação no dia 2 de maio de 2020 foi importante para aprofundar o debate, pois a jornalista apresentou resultados comparativos entre o número de casos confirmados na Rocinha e no bairro de classe alta de São Conrado (Figura 16). Enquanto o número de óbitos em São Conrado somou 34 casos, a Rocinha chegou a mais do que o dobro, com 71 mortes.

**Figura 16** – Tuíte da pesquisadora Michele Silva

 **Michele Silva** @micheleps89 · May 2  
Covid ã escolhe alvo, dizem... 😞 Comparando a proporção de casos entre a Rocinha e S. Conrado, bairro rico ao lado, dá pra ver q a doença pode até não escolher, mas os anos de abandono social pesam nessa hora. Ñ dá pra duvidar q o covid é muito mais severo com a população pobre.



**Fonte:** Buzzmonitor/Twitter (02/05/2020).

A partir de agosto de 2020, narrativas questionando a covid-19 como uma “doença de rico” ganharam peso empírico com a divulgação de dados da pesquisa do Ibope Inteligência, Grupo Fleury, Semeia e Todos Pela Saúde (Veja, 10/08/2020). De acordo com o estudo, cerca de 1,5 milhão de adultos foram infectados pela covid-19 na cidade de São Paulo, indicando que a maior parte dos infectados tem baixa renda e baixa escolaridade (“22% dos paulistanos de baixa renda pegaram a doença; entre os mais ricos, o índice é de 9,4%”, Revista Veja São Paulo, 10/08/2020).

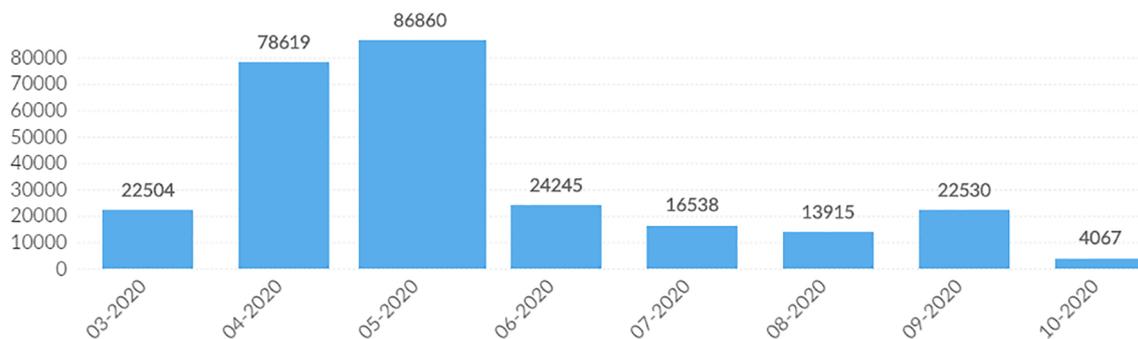
A partir de setembro, o tema ganhou relevância nas redes sociais pela repercussão de publicações da imprensa, após veicular pesquisa de que Manaus seria a primeira cidade no mundo a alcançar imunidade coletiva. O estudo atraiu a atenção de diversos virologistas

em todo o mundo, aumentando as discussões sobre o tema também nas mídias sociais. Em meados de outubro, a virologista espanhola Margarita del Val, do Conselho Superior de Pesquisas Científicas (CSIC) da Espanha, questionou a ideia da imunidade de rebanho, destacando a desigualdade social, em entrevista ao El País:

Agora os ricos não estão se beneficiando da imunidade coletiva que talvez os mais pobres tenham adquirido. [Em todo caso, a cientista alerta:] tentar conseguir essa imunidade coletiva, como a Suécia parecia estar tentando no início, não é uma estratégia, é selvageria. Não é ético nem realista (El País 12/10/2020).

Manaus foi uma das cidades mais atingidas pela pandemia da covid-19, e isso se refletiu em um grande volume de postagens nas redes sociais. Um exemplo disso foi uma publicação do G1 Amazonas sobre o aumento recorde no número de enterros coletivos na cidade, que gerou quase 40 mil interações no Facebook (Figura 17).

**Figura 17** – Covid e Manaus no Twitter.

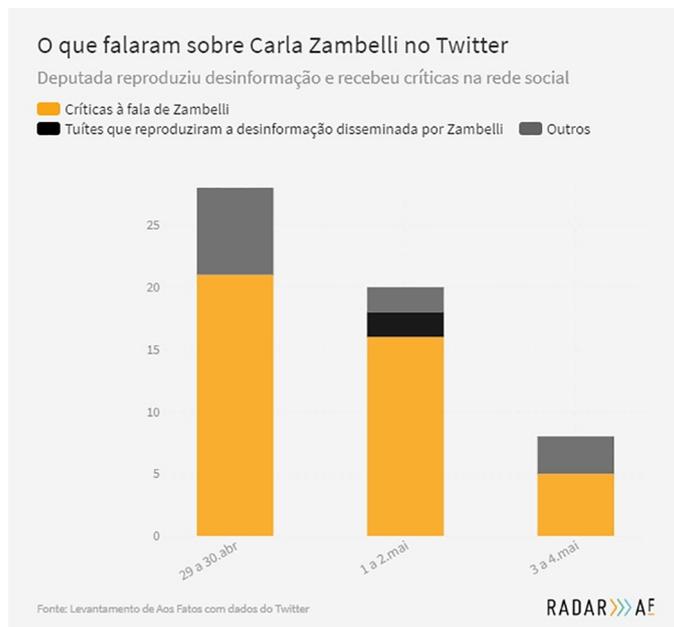


**Fonte:** Buzzmonitor, Empresa Elife (2020).

Além disso, no Twitter, ocorreram mais de 2,3 bilhões de interações e quase 87 mil publicações. A fala da deputada Carla Zambelli questionando a autenticidade dos caixões utilizados nos enterros coletivos e mencionando o aumento no número de mortes<sup>11</sup> gerou grande destaque, sendo que, em sua grande maioria, as pessoas condenaram essa fala e se solidarizaram com as famílias, lamentando o número de mortes na cidade (Figura 18).

<sup>11</sup> O perfil da deputada está suspenso no Twitter, porém, é possível encontrar falas de Zambelli em entrevistas com a hipótese de que caixões estariam sendo enterrados vazios (Twitter, @jairmearrependi, 02/08/2020)

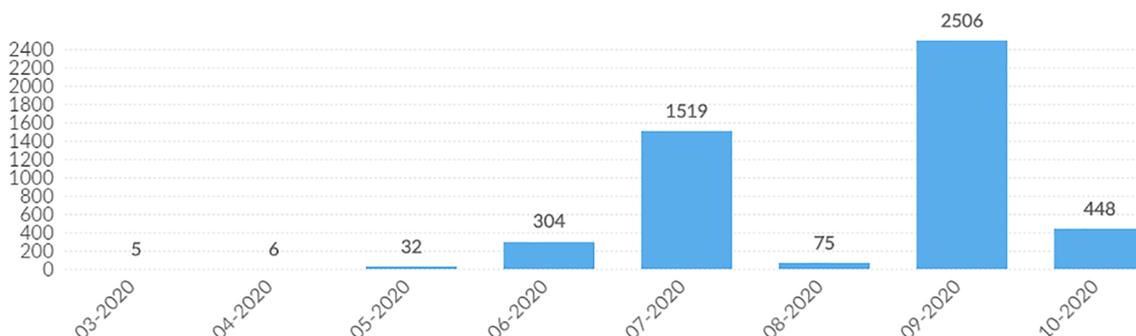
**Figura 18** – O que Falaram da Carla Zambelli no Twitter



**Fonte:** Twitter, Radar Aos Fatos (07/05/2020).

Apesar de ter tido um impacto menor, ainda assim bastante relevante (com cerca de 116 milhões de interações), a narrativa sobre “imunidade de rebanho”<sup>12</sup> em Manaus também teve popularidade nas redes sociais. Embora a maioria dos tuítes tenha sido negativa em relação a essa afirmação, alguns expressaram esperança em um possível “retorno à normalidade”. No entanto, essa esperança logo foi descartada, devido à sua ineficácia e aos custos de mortes e danos irreparáveis à saúde pública que essa estratégia, ineficaz em uma pandemia, demanda. O assunto rapidamente perdeu relevância em outubro, como mostra a Figura 19 a seguir.

**Figura 19** – Manaus e a imunidade de rebanho.



**Fonte:** Mídias Sociais, Buzzmonitor (2020).

<sup>12</sup> A imunidade de rebanho é um conceito que se refere à proteção indireta contra doença infecciosa quando parte da população se torna imune a ela, por vacinação ou infecção prévia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos abordar o impacto da desinformação e das narrativas socioeconômicas e raciais na pandemia da covid-19, bem como a importância da comunicação e do papel das mídias sociais na disseminação de informações precisas e confiáveis. As redes sociais têm desempenhado um papel fundamental na disseminação da desinformação sobre a covid-19, pois se tornaram um dos principais meios de comunicação e informação na sociedade, especialmente durante as políticas de restrição. Em relação à pandemia, a literatura acadêmica tem se dedicado a estudar a desinformação e suas implicações nas políticas públicas e na constituição do cenário político e suas redes de apoio. Entretanto, existe lacuna sobre as narrativas formadas no primeiro ano da pandemia e seu impacto nas percepções de classe econômica e raça e, principalmente, os objetivos político-econômicos por trás dessas narrativas e suas implicações em políticas de saúde e nas relações de trabalho.

Mostramos que havia uma racionalidade por trás da desinformação, que é compartilhada por pessoas que têm o claro intuito de desacreditar na gravidade da pandemia, mesmo que isso implique a promoção de tratamentos ineficazes e perigosos. Isso ocorre como forma de resposta à falha de seu projeto político-econômico de desidratação do Estado e desmonte do Sistema Único de Saúde em favor da iniciativa privada e da não restrição à produção econômica. Essas publicações descrevem realidades distintas das vivenciadas pelas classes mais pobres e mais vulneráveis da população brasileira, trazendo problemas quanto à gravidade do vírus, à importância da prevenção e sobre quem deveria se preocupar com a pandemia, em ambos os lados do espectro socioeconômico, com alto impacto no número de mortes e contaminados.

Também buscamos apresentar exemplos das diversas narrativas e como elas foram utilizadas nas mídias sociais brasileiras e seu alto engajamento social. Mostra também que as mídias sociais dependem, em grande parte, dos canais oficiais midiáticos para conteúdo e que, depois, essas informações são interpretadas e repassadas por novas narrativas. A pesquisa identifica três principais vertentes discursivas relacionadas ao vírus e seus impactos na sociedade brasileira, com foco no impacto assimétrico entre as distintas classes sociais. É demonstrado que houve predominante preocupação em divulgar e combater principalmente os discursos que buscavam minimizar o impacto assimétrico do vírus em relação a sua disseminação, letalidade, para além dos impactos socioeconômicos. Notou-se que boa parte da resistência digital ao discurso de um “vírus democrático” consistiu – principalmente após alguns meses, com a disseminação de dados concretos – em mostrar que a população majoritariamente impactada foi de classes mais prejudicadas economicamente.

Além disso, foi analisado o impacto das declarações de governantes como o ex-presidente Jair Bolsonaro, que buscou minimizar os efeitos da pandemia e da letalidade do vírus ao utilizar preconceituosa classificação pretensamente “científica” que dizia que a classe mais pobre possuiria maior imunidade, colocando a maior parte da

população em risco. Em contrapartida, pode-se constatar que, apesar do normalmente alardeado pela mídia, o impacto dessas declarações nas redes sociais foi maior quando essa narrativa era contestada.

A pandemia da covid-19 destacou a importância da comunicação precisa e confiável, especialmente nas mídias sociais. A desinformação e as narrativas falsas tiveram consequências graves na saúde pública, incluindo a recusa de muitas pessoas em seguir as orientações de saúde pública e a adoção de práticas perigosas à saúde. As desigualdades socioeconômicas também afetaram a percepção e a resposta das pessoas à pandemia, destacando a importância de políticas públicas para proteger as populações mais vulneráveis. As mídias sociais têm um papel fundamental na disseminação de informações precisas e confiáveis, mas também são uma fonte significativa de desinformação e narrativas falsas. É importante que as autoridades, as organizações de saúde, a sociedade civil e as empresas de mídia social trabalhem juntas para combater a desinformação e promover a conscientização sobre a importância da prevenção e do cuidado com a saúde pública.

## REFERÊNCIAS

- ALLINGTON, Daniel. *et al.* Health-protective behavior, social media usage and conspiracy belief during the COVID-19 public health emergency. **Psychological Medicine**, n. 51, v. 10, 2021, pp. 1-7.
- BBC. **Por que o coronavírus mata mais as pessoas negras e pobres no Brasil e no mundo**. 12 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53338421>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- BONG, Choon-Looi. *et al.* The COVID-19 Pandemic: Effects on Low and Middle-Income Countries. **Anesth Analg.**, v. 131, n. 1, 2020, pp. 86-92.
- CORREIO BRAZILIENSE. **Ricos fretam jatinhos para tratar covid. Pobres sofrem nos hospitais**. 05 jul. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/impresso-/2020/07/28-41608-ricos-fretam-jatinhos-para-tratar-covid--pobres-sofrem-nos-hospitais.html>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- DATAFAVELA. **Coronavírus nas Favelas**. 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1vxyxbewYAX-HiV1KZbDXla6G9qLWcX7v/view>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- EL PAÍS. **Afastado até de Trump, Bolsonaro lidera negacionismo do coronavírus no mundo e incentiva "fake news"**. 30 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-31/afastado-ate-de-trump-bolsonaro-lidera-negacionismo-do-coronavirus-no-mundo-e-incentiva-fake-news.html>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- EL PAÍS. **Coronavírus chega às favelas brasileiras com impacto mais incerto que nas grandes cidades**. 05 abr. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-04-05/coronavirus-chega-as-favelas-brasileiras-com-impacto-mais-incerto-que-nas-grandes-cidades.html>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- EL PAÍS. **Nas periferias, cai o mito da "doença democrática"**. 06 maio 2020. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/nas-periferias-cai-o-mito-da-doenca-democratica/>. Acesso em: 27 abr. 2023.
- EL PAÍS. **Onda de casos de covid-19 em Manaus coloca em xeque a sonhada imunidade de rebanho**. 12 out. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-10-12/onda-de-casos-de-covid-19-em-manaus-coloca-em-xeque-a-sonhada-imunidade-de-rebanho.html>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, v. 15, n. 1, 2021.

FOLHA DE S. PAULO. **Brasileiro mergulha no esgoto e não acontece nada, diz Bolsonaro ao minimizar coronavírus.** 26 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/pode-r/2020/03/brasileiro-mergulha-no-esgoto-e-nao-acontece-nada-diz-bolsonaro-ao-minimizar-coronavirus.shtml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Ricos ficam mais ricos em quase metade das regiões metropolitanas do Brasil durante a pandemia.** 21 out. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/mais-pobres-nas-metropoles-perdem-32-da-renda-na-pandemia-e-ricos-3-diz-estudo.shtml>. Acesso em: 22 mar. 2023.

FORATTINI, Fernando Miramontes. “The Black Death (March 13, 2020)”. In **Revista Leituras da História**, São Paulo: Editora Escala, n. 133, mar. 2020., Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3636282>

G1. **Em meio à pandemia de coronavírus, Bolsonaro diz que ...gripezinha% não vai derrubá-lo.** 20 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/gerson-camarotti/post/2020/03-/20/em-meio-a-pandemia-de-coronavirus-bolsonaro-diz-que-gripezinha-nao-vai-derruba-lo.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2023.

G1. **Jericoacoara tem 100% de ocupação hoteleira e desrespeito às normas de segurança contra Covid-19.** 09 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020-/09/05/jericoacoara-no-ceara-tem-feriado-com-rede-hoteleira-lotada-e-turistas-desrespeitand-o-as-medidas-de-protecao-contr-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2023.

G1. **Ministério da Saúde confirma primeiro caso de coronavírus no Brasil.** 26 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/26/ministerio-da-saude-fala-sobre-caso-possivel-paciente-com-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2023.

G1. **Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta.** 26 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 01 set. 2023.

G1. **Russomanno diz que moradores de rua e da Cracolândia podem ser mais resistentes à Covid-19 por não tomarem banho.** 13 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2020/noticia/2020/10/13/russomanno-diz-que-mo-radores-de-rua-e-da-cracolandia-podem-ser-mais-resistentes-a-covid-19-por-nao-tomarem-b-anho.ghtml>. Acesso em: 19 abr. 2023.

HALE, Thomas. *et al.* A global panel database of pandemic policies. **Oxford COVID-19 Government Response Tracker: Nature Human Behavior**, n. 5, v. 4, 2021, pp. 529-538.

LAZER, David. *et al.* The science of fake news. **Science**, n. 359, 2018, pp. 1094-1096.

OXFAM. **O vírus da desigualdade**. 2021. Disponível em: [https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2021/01/bp-the-inequality-virus-110122\\_PT\\_Final\\_ordenado.pdf](https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2021/01/bp-the-inequality-virus-110122_PT_Final_ordenado.pdf). Acesso em: 27 abr. 2023.

PENNYCOOK, Gordon. *et al.* Fighting COVID-19 Misinformation on Social Media: Experimental Evidence for a Scalable Accuracy-Nudge Intervention. **Psychological Science**, v. 31, n. 7, 2020, p. 770-780.

PORTAL GELEDÉS. **Coronavírus**: o que está por trás da aparente resistência da África à pandemia. 12 maio 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/coronavirus-o-que-esta-por-tras-da-aparente-resistencia-da-africa-a-pandemia/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

ROOZENBEEK, Jon; VAN DER LINDEN, Sander. The fake news game: actively inoculating against the risk of misinformation. **Journal of risk research**, n. 22, 2019, pp. 570-580.

SCIENCE PLUS, IBPAD. **Principais vozes da ciência no Twitter**: Mapeando a conversa de cientistas e especialistas sobre a COVID-19. 2020. Disponível em [https://ibpad.com.br/wp-content/uploads/2020/12/relatorio\\_vozesdacienciacovid\\_ibpad2020.pdf](https://ibpad.com.br/wp-content/uploads/2020/12/relatorio_vozesdacienciacovid_ibpad2020.pdf). Acesso em: 26 abr. 2023.

SILVA, Eliaidina Wagna Oliveira da. O. O covid-19 e as vísceras da necropolítica brasileira sobre a saúde dos corpos negros. **Revista de Políticas Públicas**, v. 25, n. 2, 2021, pp. 636-655.

SINGER, Peter; BROOKING, Emerson. **LikeWar**: The weaponization of social media. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2018.

UOL. **Coronavírus** não prefere pobre ou rico - Mas governos e suas políticas, sim. 15 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/03/15/c-oronavirus-nao-prefere-pobre-ou-rico-mas-governos-e-suas-politicas-sim.htm>. Acesso em: 19 abr. 2023.

UOL. **Lula**: Ainda bem que a Natureza Criou o Coronavírus. 20 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/josias-de-souza/2020/05/20/lula-ainda-bem-que-a-nature-za-criou-o-coronavirus.htm>. Acesso em: 13 abr. 2023.

UOL. **Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon**. 19 mar. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/pri-meira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em: 15 abr. 2023.

VAN BAVEL, Jay. *et al.* Using social and behavioral science to support COVID-19 pandemic response. **Nature Human Behaviour**, v. 5, n. 4, 2021, pp. 460-471.

VEJA SÃO PAULO. **22% dos paulistanos de baixa renda pegaram a doença; entre os mais ricos, índice é de 9,4%**. 10 ago. 2020. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/saude/coronavirus-pobres-ricos-sao-paulo-pesquisa/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

VOSOUGHI, Soroush; ROY, Deb; ARAL, Sinan. The spread of true and false news online. **Science**, n. 359, 2018, pp. 1146-1151.

ZHOU, Fei. *et al.* Clinical course and risk factors for mortality of adults in patients with COVID-19 in Wuhan, China: a retrospective cohort study. **The Lancet**, v. 395, 2021, pp. 1054-1062.